



Alto...

Moreno...

Olhos azuis...

Sexy...

Simpático...

Björn Hoffmann era tudo isso.

Curtir uma noite de sexo *caliente* no Sensations era a coisa mais fácil e divertida do mundo para um homem como ele.

As mulheres, e também alguns homens, ficavam loucos sempre que Björn lhes dirigia seu olhar leonino e fazia a proposta de entrarem juntos em um reservado. Björn era atraente... muito atraente.

Geralmente, os homens que entravam sozinhos nessa, ou em qualquer outra casa de swing, não tinham o direito de escolher. Eles é que eram escolhidos. Mas com Björn não funcionava assim. Ele escolhia. Ele decidia. Ele selecionava.

Naquela noite, depois de uma semana de muito estresse e trabalho, dirigia seu elegante carro esportivo cinza em direção ao Sensations ouvindo a música *Let's Stay Together*, de Al Green, um de seus cantores preferidos.

*I'm, I'm so in love with you
Whatever you want to do
Is all right with me
'Cause you make me feel so brand new
And I want to spend my life with you.*

Como costumava dizer sua grande amiga Judith, “quem canta, seus males espanta”, e cantarolar soul music enquanto dirigia fazia Björn relaxar e era um estímulo para a noite de sexo que desejava ter logo mais.

Não havia ligado para nenhum de seus casinhos. Não precisava.

Queria apenas sexo; não eram necessários jantares nem conversas. Gostava muito de mulher. Dava-se bem demais com elas. Eram maravilhosas e exci-

tantes. Por isso, procurava a companhia daquelas que eram como ele. Que pensavam como ele. Que agiam como ele. Que só queriam sexo. Só sexo.

Quando chegou ao Sensations, Björn parou o carro num estacionamento próximo. A segurança sorriu ao vê-lo. Ele já tinha ido ali outras vezes e, quando a olhava, ela se sentia especial.

Saiu do estacionamento e, ao entrar na casa, encontrou vários amigos no bar. Conversou descontraidamente com eles até notar um casal conhecido, com o qual se entendeu só de olhar. Minutos depois, na companhia de dois amigos, Carl e Hans, Björn se aproximou do casal. George e Susan sorriram ao vê-los. Não era a primeira vez que faziam esses jogos juntos; minutos depois, os cinco se dirigiram até um dos reservados. Não era preciso falar nada. Todos sabiam o que queriam. Todos sabiam o que estavam procurando. A noite prometia ser excitante e prazerosa.

Ao entrar no reservado, George sentou-se na cama e os outros continuaram em pé.

Susan, uma mulher atraente, de cabelos longos e sedosos, queria gozar muito junto com esses homens. Observando-os, mordeu o lábio à espera de que o jogo sensual começasse. Seus mamilos estavam arrepiados e sua vagina, molhada. Tremia só de pensar no prazer.

Björn sorria. Gostava de sentir a excitação das mulheres. Assim, depois de deixar seu copo sobre a mesinha, chegou perto de Susan e perguntou no seu ouvido:

— Está preparada, Susan?

— Estou.

— Você quer brincar com a gente? — insistiu, passando a mão no seio dela.

Ela fez que sim com a cabeça e sua respiração se acelerou.

Sem precisar tocar nela, só pela sua expressão, Björn sabia que o tecido fino da calcinha de Susan já estava molhado. Nunca, nenhuma mulher, em seus 32 anos de vida, tinha rejeitado esse contato íntimo. Elas gostavam. Ficavam excitadas. Björn era tão sexy, tão viril, que todas, absolutamente todas, eram seduzidas por ele, ainda mais quando viam seus olhos azuis.

Susan gostava de brincar com vários homens. Não gostava de mulheres. Seu apetite sexual era insaciável e o marido adorava vê-la nesse estado ardente de desejo. Era o jogo deles. Eram as suas normas e eles adoravam curtir assim a sua sexualidade.

Susan virou-se para encarar Björn. O olhar cheio de luxúria falava por si só. Desejava-o. Desejava que ele a tocasse. Morria de vontade de sentir

prazer e ficava encharcada só de imaginar como aqueles homens brincariam com ela.

Lentamente, Björn começou a desabotoar a blusa dela; a respiração de Susan acelerou. Dois segundos depois, ele viu os seios empinados, os mamilos rígidos e murmurou:

— Susan, adoro seus seios.

— São seus — ofereceu ela.

Björn sorriu. Sentou-se na cama e fez um sinal com o dedo para que ela se aproximasse enquanto todos os outros observavam. Susan obedeceu e quando ficou frente a frente com ele, excitada, levou o maravilhoso mamilo direito até a boca de Björn, que o aceitou com deleite. Durante vários minutos, ele lambeu e chupou, até o mamilo ficar duro como pedra. Ela sorriu.

George, o marido de Susan, levantou-se. Abriu o zíper da saia dela, que caiu aos seus pés. Em seguida, desamarrou duas correntinhas douradas que uniam as laterais do fio-dental, que também foi ao chão, deixando descoberto o púbis depilado e a bunda redonda e apetitosa.

— Interessante — sussurrou Hans, aproximando-se para dar um tapa no traseiro de Susan.

George, o marido, sorriu. Deu início ao jogo. Desabotoou a calça, que tirou junto com a cueca. Sentou-se na cama e, tocando o pênis duro, encarou Carl. Murmurou:

— Também quero brincar.

Carl aproximou-se dele sem demora; George tirou sua calça e a cueca. Diante de seus olhos surgiu uma *caliente* ereção, que, sem pensar, enfiou na boca. Saboreou. Deliciou-se com ela e puxou Carl para si apertando sua bunda. Carl fechou os olhos de prazer.

Susan, excitada ao presenciar a cena, suspirou enquanto Björn, com prazer cada vez maior, chupava seus mamilos; Hans começava a tocá-la por trás.

O jogo estava ficando mais intenso. Susan e George encontraram o que tinham ido procurar naquele lugar. Björn saboreava o manjar que ela oferecia sem reservas. Porém, quando a mulher quis lhe tirar a roupa, Björn parou e falou com a voz baixa:

— Eu tiro.

— Não quer que eu te ajude?

Björn negou com a cabeça. Não lhe agradava estar nas mãos de ninguém. Ele é quem decidia quando tirar a roupa e quando colocar. Esse era o jogo dele. Todas aceitavam essa condição e com Susan não seria diferente.

Enquanto Björn tirava a roupa e deixava tudo dobrado com cuidado sobre a cadeira, Hans masturbava a mulher, que estava encharcada e desejava a ereção potente e viril diante dela.

Björn sorriu. Sabia do magnetismo que exercia. Sentou-se pelado na cama. Sem tirar os olhos de Susan, percorreu seu púbis lisinho e ordenou:

— Chega mais perto.

Assim ela fez e Björn a tocou. Abaixou a mão lentamente até enfiá-la entre as pernas de Susan e comprovar que estava molhada, muito molhada. Hans, por trás, apertou seus mamilos. Susan fechou os olhos demonstrando o prazer que sentia, e seu marido George continuava chupando Carl com prazer.

Durante vários minutos, Björn passou os dedos pelo sexo molhado de Susan, até que ela separou as pernas para facilitar o acesso. Ele se ajoelhou na frente dela e pousou a boca sobre o púbis. Mordeu. E quando sentiu Susan vibrar de prazer, abriu-a com os dedos e meteu-lhe a boca entre as coxas. A mulher arquejou: a boca de Björn era impetuosa, enquanto ele se deleitava chupando o clitóris de Susan; ela só gemia e aproveitava.

Minutos mais tarde, Björn se deu por satisfeito. Levantou-se e, pegando-a pela cintura, puxou a mulher para junto de si.

Sem falar nada, enfiou um dedo na vagina já bem lubrificada e, em seguida, enfiou outro.

— Gosta que eu brinque com você assim?

Susan tremeu e fez que sim. Abriu mais as pernas e se agarrou aos ombros de Björn, deixando-se ser masturbada com força por ele, enquanto Hans apertava sua bunda e sussurrava em seu ouvido coisas *calientes*, coisas muito... muito picantes, que a deixavam louca.

Um gemido de prazer os fez perceber que Carl tinha chegado ao clímax com a chupada de George. Björn, ainda masturbando Susan com os dedos, parou de repente e disse:

— Suba na cama e se ajoelhe em cima do seu marido.

Excitada e querendo sexo, fez o que aquele deus grego lhe pedia. Quando viu a mulher posicionada como ele tinha pedido, Björn subiu na cama atrás dela e murmurou em seu ouvido:

— Agora deite no seu marido e coloque seus peitos na cara dele.

Quando Björn percebeu que George os colocava na boca, falou entre dentes:

— Quero que diga ao seu marido o que você quer que aconteça e depois o que sente enquanto eu te fodo.

— Sim — gemeu excitada.

— Abra as pernas, Susan.

Não era a primeira vez que faziam esse jogo.

Logo depois, enquanto Björn a masturbava, ela começou a dizer ao marido que queria ser comida por todos. Desejava todos entrando nela sem parar por horas. George, enquanto ouvia a mulher, masturbava-se com força deitado na cama. Os dois gostavam de jogar. Björn segurou o pênis duro, colocou um preservativo e lentamente penetrou Susan, que se contorcia de prazer.

— Assim... todo... todo...

Björn parou e, dando um tapa na bunda dela, exigiu:

— Não me peça nada. Conte ao seu marido o que eu estou fazendo, entendeu?

Excitada pela voz e pelo que ele lhe ordenava, Susan sussurrou:

— Björn abriu minhas pernas e está me fodendo. — Ele deu um tranco com força, penetrando mais fundo, e ela ofegante, completou: — Enfiou o pau inteiro em mim, querido. Eu gosto assim. Me sinto preenchida... mais...

Ardendo de prazer ao escutar o que ela dizia, o marido agarrou Susan pela cintura e a moveu para encaixá-la melhor em Björn.

— Mais. Quero que ele te foda mais — sussurrou.

Björn sorriu ao ouvir George e enfiou com força, até penetrá-la completamente.

— Assim, George? Quer que eu foda a sua mulher assim?

Susan gemeu. A luxúria e o tesão que sentia naquele instante não deixavam que falasse nada. George, enlouquecido, confirmou:

— Assim... fode ela assim.

Björn sorriu. Gostava desses jogos. Com um movimento forte penetrou Susan ainda mais fundo, agarrando seus cabelos para que ela levantasse a cabeça:

— Quando eu sair de você, o Carl vai entrar e depois o Hans. O último a te possuir vai ser o seu marido. Quando ele acabar, vou te foder outra vez. É o que você quer, Susan?

— Sim... sim...

Esse tipo de sexo era selvagem, ardente, excitante, desinibido e todos gostavam. Especialmente Susan e George, que eram os que tinham começado o jogo. Björn aumentou o ritmo; os seios dela balançavam sobre o rosto do marido, que se masturbava ouvindo todo tipo de proposta indecente por parte de Carl e Hans.

Deleite. Prazer. Era o que todos sentiam naquele instante.

Um a um, os homens penetraram Susan.

Um a um ela os recebeu com prazer.

Um a um eles a possuíram como ela pedia até que chegasse ao êxtase. Quando o marido terminou, Björn puxou-a pela mão e levou-a até a ducha. Susan colocou-lhe um preservativo com a boca e Björn penetrou-a outra vez. Quando o novo ataque terminou, levou-a mais uma vez até a cama:

— Como acha que seu marido está se saindo?

Sentindo calor, apesar da ducha que acabara de tomar, encarou George, que se deleitava ao ser penetrado por Carl, enquanto chupava Hans. Durante vários minutos, respirações masculinas ofegantes tomaram o reservado.

Björn os observava junto a Susan. Esse não era o tipo de sexo que curtia, ele gostava de mulheres, mas era bom assistir. Quando o trio chegou ao clímax e se dirigiu ao chuveiro, a cama ficou livre. Björn, excitado pelo que tinha visto, rasgou uma embalagem de preservativo, colocou-o no pênis e se dirigiu a Susan:

— Vem sentar em mim.

Ela montou nele. Com habilidade, Björn moveu Susan em busca do próprio prazer. Gostava de ter o controle da situação e agora era ele quem queria sentir prazer. A mulher arfou com a profundidade da penetração; quando achou que não era possível ir mais fundo, Björn se moveu com decisão. Susan gritou e, ao ver que ele sorria, sussurrou:

— Gosto de como você me possui.

— Me fala o quanto você está gostando — exigiu Björn.

— Muito... muito... Ai, assim! — gritou outra vez à nova investida.

Os três homens saíram do chuveiro e ficaram em volta da cama. Björn, quando os viu, falou, metendo mais uma vez:

— Susan, fale pro seu marido por que você gosta que eu te foda.

— Porque você me preenche toda. É duro... muito duro... não para — gritou, abrindo-se mais para Björn.

E ele não parou. Continuou aproveitando o que mais gostava. O sexo.

O sexo sem compromisso.

O sexo por puro prazer.

O sexo sem amor.

O sexo ardente e selvagem.

Excitado pelos gritos da mulher, George não aguentou mais e exigiu participar. Björn sorriu. Apertou Susan sobre si e segundos depois George enfiou a ereção no mesmo lugar onde Björn a penetrava. Os dois preencheram a vagina dela enquanto ouviam os gemidos e a respiração excitada.

Susan gritava de prazer. Era isso que desejava. Gostava de se sentir completamente possuída. Lambia os lábios de prazer enquanto os dois homens

tomavam seu corpo e se deliciavam. De novo e de novo afundaram-se nela. Quando Björn não pôde mais aguentar, liberou seu gozo.

Assim que os dois saíram de dentro dela, Björn levantou-se e foi direto para a ducha; Hans e Carl ocuparam seus lugares e possuíram Susan mais uma vez. Ela queria. Ela desejava. Ela se entregava aos homens com tesão, ansiosa por dar e receber prazer.

Enquanto a água corria por seu corpo, Björn fechou os olhos. O sexo o relaxava, o fascinava, mas uma parte de sua vida ainda estava incompleta. Não queria admitir, mas algo dentro de si queria ter o que outros amigos seus, como Frida e Andrés ou Eric e Jud, tinham. Uma vida sexual plena com uma parceira de verdade.

O problema é que Björn era muito exigente e não era qualquer mulher que servia para ele. Apenas dois minutos depois de conhecê-lo, todas estavam babando e isso o deixava desconcertado. Precisava conhecer uma mulher que o surpreendesse. Que o deixasse louco! Mas nunca nenhuma delas conseguiu surpreendê-lo o suficiente para seu interesse ultrapassar o primeiro encontro. Tinha amigas. Muitas amigas. Mas nenhuma especial.

Assim que desligou a ducha, observou como os outros continuavam sua festa particular sobre a cama. Acariciou o pênis. Roçou os dedos e uma nova ereção surgiu. O sexo era excitante e aquilo que via logo o estimulou. Quando viu o orgasmo tomar o corpo de Carl, colocou um novo preservativo e, ainda molhado, caminhou novamente até a cama. Agarrou a mulher e lhe penetrou o ânus. Ela gritou. Possuindo-a, agarrou com força seu quadril e começou a movê-la como queria. Susan se contorcia enlouquecida. O marido, ao vê-los, rapidamente se posicionou na frente de Susan e enfiou o pênis na boca dela. Susan lambeu, chupou e ninguém parou antes que seus corpos ficassem tensos e finalmente atingissem o orgasmo.

Três horas depois, Björn saiu sozinho do local. Foi até o estacionamento; após se despedir da segurança, que corou ao vê-lo, entrou no carro e dirigiu em direção à sua casa, ao som de Al Green, que tocava outra vez. Tinha que descansar.



O céu estava lindo.

Era um daqueles dias em que ela gostava especialmente de pilotar, cantando *I Gotta Feeling*, do The Black Eyed Peas.

*I gotta feeling that tonight's gonna be a good night
That tonight's gonna be a good night
That tonight's gonna be a good, good night
Tonight's the night
Let's live it up
I got my money
Let's spend it up*

Melanie olhou o relógio: 15h18. Em 35 minutos eles iriam aterrissar na base norte-americana de Ramstein, no oeste da Alemanha.

Lá esperavam por eles várias ambulâncias militares que levariam os americanos feridos a bala ou por explosivos que ela transportava em seu avião.

Esfregou os olhos. Estava cansada, mas a música aumentava sua adrenalina e isso a mantinha acordada. Pilotar desde o Afeganistão deixava qualquer um esgotado e, naquela última etapa da viagem, ainda tinha a ansiedade por aterrissar logo. Baixou o volume da música para pedir a Neill:

— Me passa a água?

Neill girou na poltrona; Fraser, que estava logo atrás, passou-lhe uma garrafinha. Melanie, Mel para os amigos, bebeu e agradeceu.

Mel, Neill e Fraser eram respectivamente piloto, copiloto e chefe de carga da Air Force C-17 Globemaster, e voltavam do Afeganistão. Havia levado provisões a algumas bases de operações norte-americanas e voltavam com alguns militares feridos que seriam atendidos no hospital militar norte-americano de Landstuhl.

— Que horas saímos pra Munique? — perguntou Neill.

Melanie sorriu. Desejava ver sua filha, mas isso só seria possível no dia seguinte. Tanto ela, como Neill, tinham o que mais amavam os esperando em Munique. Ambos queriam chegar ao que chamavam de “lar”.

— Bem cedo — respondeu.

— Não saia sem mim. Quero ver a minha família.

Mel fez que sim com a cabeça, aumentou novamente o volume da música e os três começaram a cantar em voz alta.

Quando a música acabou e o silêncio tomou o lugar, Fraser observou:

— Tenente, lembre-se de que desta vez eu vou com vocês a Munique.

— Tem alguém especial te esperando? — ela perguntou, achando graça.

Fraser, ouvindo isso, resmungou:

— Uma aeromoça linda com pernas compridas e boca espetacular.

Neill deu uma gargalhada e Mel zombou.

— Cretino.

Fraser a encarou. Respondeu, divertindo-se:

— Tenente, nem só de pão vive o homem e eu não sou de ferro.

Mel riu. Ela não era de ferro, embora seus companheiros pensassem que fosse. Olhando para Fraser, acrescentou:

— Desta vez não posso te oferecer o sofá da minha casa. Minha mãe está lá.

— Não se preocupe. A Monica me ofereceu a cama dela.

— Uau, aí tem — riu Neill.

Fraser sorriu e deu-lhe um tapinha:

— A Monica é uma mulher doce e sedutora — brincou, provocando o riso dos companheiros.

— Esse é o pássaro do Robert? — perguntou Fraser indicando um avião.

Os três observaram a aeronave que se distanciava. A tenente respondeu:

— Não. Combinei com ele de jogar bilhar e tomar umas cervejas hoje à tarde. Ele teria me avisado se estivesse de partida.

O silêncio tomou conta da cabine do avião até Mel perguntar:

— O que aconteceu com a música?

Achando graça, os dois sorriram; sem precisar falar, Neill trocou o CD. Deu play e a voz de Bon Jovi invadiu o cubículo. Os primeiros acordes de *It's My Life* começaram a soar. Acompanhando com a cabeça, os três estavam cantando a plenos pulmões ao mesmo tempo que colocaram os óculos de sol. Aquele era um ritual. O ritual deles. Sempre a mesma música. Isso significava que estavam chegando em casa. Ao seu “lar”.

It's my life

It's now or never

I ain't gonna live forever

I just want to live while I'm alive

A música e seu significado eram muito especiais para os três amigos. Escutavam sempre que saíam ou chegavam de viagem. Era o começo e o fim de tudo. Como dizia Bon Jovi, “não vou viver para sempre, só quero viver enquanto estiver vivo”.

Vida... essa palavra representava tudo para eles.

Por causa do trabalho, viam coisas desagradáveis demais.

Por causa do trabalho, aprenderam a ser sobreviventes.

Por causa do trabalho, Mel perdeu o homem que amava.

Enquanto cantarolava, ela se concentrou na aterrissagem. Diminuiu a velocidade e empinou o bico do avião. Quando o trem de pouso central tocou a pista, Mel puxou os freios ao máximo e ativou os de trás conforme a aeronave reduzia pouco a pouco a velocidade. Quando alcançou 40, 50 nós, reduziu a potência dos motores e o avião começou a parar, até que Mel, assumindo novamente o controle, o manobrou até o hangar indicado pelos companheiros em terra.

Quando os motores pararam, a porta traseira do avião foi aberta e deu-se início ao desembarque. Neill, Fraser e Mel ficaram para trás para vestir os uniformes. Quando acabaram e saíram da cabine, Mel ouviu:

— Tenente Parker.

Ela olhou e depois de uma saudação militar formal, respondeu:

— Tenente Smith.

Abaixaram as mãos e sorriram. Mel estava frente a frente com Robert Smith, um grande amigo e piloto de outro avião C-17.

— Como foi o voo, Mel?

— Normal... como sempre.

Riram. Robert comentou:

— Desta vez não vamos poder tomar cerveja juntos. Viajo para o Líbano assim que terminarem de carregar o meu pássaro.

— Tem voo hoje?

Robert fez que sim e disse:

— Tenho. Teoricamente eu só ia viajar amanhã, mas estão precisando de abastecimento com urgência, por isso, vamos viajar um dia antes.

Os dois balançaram as cabeças. Essa vida era assim. Mel deu uma piscadinha e perguntou:

— Como está Savannah?

Quando pensou na mulher, Robert sorriu.

— Feliz com a transferência. Agora ela está em Fort Worth arrumando a casa. Espero estar com ela daqui a alguns meses. Aliás, tenho que agradecer ao seu pai. Savannah me disse que ele está ajudando com a papelada.

— Papai te conhece, você é meu amigo, e ele sabe que a gente tem que cuidar dos amigos.

Riram. Robert disse:

— Manda um beijo grande pra princesa.

— A minha mãe está aqui na Alemanha com ela.

Assim que ouviu a amiga, Robert soltou um palavrão e completou em seguida:

— Droga, eu teria gostado de ver Luján. Manda lembranças e muitos beijos pra essa bonequinha chamada Sami. Ela é meu ponto fraco.

— Eu sei — riu Mel. Ao ver que García, a copiloto de Robert, estava chegando, murmurou: — Aquela cervejinha fica pra outro dia, tudo bem?

Robert concordou. Com um sorriso no rosto apertou a mão de Mel e saiu.

Ela observou o amigo se afastando, lembrando-se dos bons momentos que os dois tinham passado juntos. Voltando à realidade, se concentrou em checar seu pássaro. Quando Mel e os rapazes terminaram, ela pegou uns papéis que recebeu de Neill e disse:

— Estou indo entregar isso pro comandante Lodwud.

Fraser e Neill concordaram com um gesto e Mel saiu em direção ao escritório do hangar 12. No caminho, vários homens bateram continência e Mel cumprimentou de volta. Quando chegou ao gabinete do comandante, bateu na porta com firmeza. Logo ouviu sua voz grave; sem pensar duas vezes, entrou.

O militar de uns 40 anos, alto e forte, se levantou da mesa ao ver Mel, que disse:

— Senhor, tenente Parker se apresentando.

O comandante moveu a cabeça numa saudação.

— Tenente Parker.

Mel sorriu. Jogou os papéis sobre a mesa. Passou o trinco na porta e, já abrindo o zíper do macacão militar, disse:

— Temos vinte minutos. Vamos aproveitar.

O comandante se aproximou imediatamente, começou a passar os lábios no pescoço de Mel e os dois se entregaram ao prazer do sexo.

Nada de beijos...

Nada de carícias...

Nada de amor...

Os dois queriam sexo em estado puro. Quando as mãos do comandante subiram até os seios de Mel, ela o olhou nos olhos e sussurrou:

— Tempo é dinheiro, comandante.

Enlouquecido pela entrega que aquela jovem sempre demonstrava nesses encontros, não teve dúvida. Com brutalidade colocou os seios dela na boca e chupou-os enquanto a carregava para cima da mesa. Os papéis caíram no chão quando Mel se estendeu sobre ela. As roupas dos dois voaram pela sala.

— Tenente... — ele sussurrou, já duro como pedra quando ela se ofereceu abrindo as pernas.

Mel sorriu. Olhava para ele, queria aquilo que tinha ido procurar. Exigiu:

— Vamos. O tempo está passando e os homens estão me esperando.

Querendo continuar o que começou, o comandante pegou Mel nos braços e os dois entraram no banheiro do escritório. Os gemidos não seriam ouvidos de lá. Depois de fechar a porta, o comandante a encarou. Colocou-a no chão e disse:

— Vira.

Mel provocou num sussurro:

— Vira o senhor...

O comandante sorriu e deu a volta bruscamente. Aproximou a ereção do traseiro dela. Esfregando-se em Mel, disse, pegando um preservativo no armário do banheiro:

— Abre as pernas e agacha. — Mel obedeceu. — Se apoia na borda da banheira.

Já com o preservativo e com Mel na posição que queria, colocou a boca perto do ouvido dela:

— Lembre-se, tenente. Nada de gemer, ou todo mundo vai ficar sabendo.

— Lembre o senhor também, comandante — Mel respondeu.

Ela queria sexo. Queria muito. Deixando-se manipular como uma boneca, Mel permitiu que o comandante lhe abrisse mais as pernas e penetrasse seu sexo molhado. O ataque foi tão intenso que ela precisou morder o lábio para não gritar. Encaixados um no outro, o comandante apalpou a bunda dela e perguntou:

— Gosta assim, tenente?

— Sim... senhor...

Voltou a penetrar outra... e outra vez. Aquilo era uma maravilha. Desejava, se deliciava e quando recuperou o controle do corpo, separou-se do comandante com um movimento rápido, virou-se e ordenou:

— Sente-se, senhor.

Pego de surpresa com a mudança no jogo, o comandante tentou protestar, mas ela, com o seu pênis nas mãos, insistiu, mordendo o queixo dele.

— Sente-se... já disse.

O homem, excitado, fez o que ela pedia, sentando-se no vaso. Logo em seguida Mel sentou-se sobre o pênis dele, até que estivesse todo dentro de si. Sem deixá-lo falar, colocou um dos seios em sua boca; ele deu uma mordidinha no mesmo instante.

— Assim... chupa.

Os movimentos ficaram mais intensos.

Os dois estavam cada vez mais excitados e o banheiro estava muito quente. O quadril de Mel dançava para a frente e para trás; encaixava-se no comandante num ritmo frenético. Ele a segurava e a ajudava no movimento, enlouquecido. Ele gemia cada vez mais fundo e Mel, fora de si, agarrava-se aos seus ombros cada vez mais forte, enquanto enfiava os seios na boca dele para abafar o som.

Um prazer devastador invadiu o corpo de Mel, que por fim explodiu num orgasmo.

Quando tudo acabou, durante vários segundos ficaram um nos braços do outro. Não falaram nada. Não se beijaram. Não se acariciaram. Até que Mel se levantou para se limpar; sem olhar para ele, saiu do banheiro, recolheu a roupa e começou a se vestir. Em seguida, ele foi ao encontro dela no gabinete. Quando ambos já estavam vestidos, Mel sorriu e comentou:

— Como sempre, foi um prazer, comandante Lodwud.

O militar sorriu e, deixando de lado as formalidades, perguntou:

— Pensei que você fosse chegar antes. O que aconteceu?

— Problemas no resgate.

Olhou-a da cabeça aos pés com os olhos castanhos. Perguntou:

— Vai passar a noite aqui?

— Vou.

— Tenho uma reserva para hoje num hotel. Boa comida, boa companhia... sexo. Que tal?

Insinuante, Mel estendeu a mão. O comandante sorriu. Abriu a gaveta de uma mesinha e, pegando uma chave, disse:

— Hotel Bristol. Quarto 168, às oito e meia.

— Vou estar lá.

Lodwud sorriu. O sexo e os jogos com Mel eram sempre excitantes. Quando viu que ela fechava o macacão cáqui, despediu-se:

— Até logo, tenente.

— Tchau, senhor.

Ela caminhou em direção à porta, abriu o trinco, saiu do escritório e voltou aos seus homens e seu avião. Não saiu de lá até que estivesse completamente vazio.

Às seis da tarde, depois de se despedir de sua equipe e de combinar de se encontrar com Fraser e Neill às sete da manhã do dia seguinte, pegou um táxi até o hotel. Com a chave que o comandante lhe deu, abriu a porta e rapidamente tirou a roupa. Precisava de uma ducha naquele minuto.

Ao sair do banho, colocou música para tocar no celular. Gostava muito de um grupo espanhol chamado La Musicalité. Especialmente uma música chamada *Cuatro elementos*, que começou a cantar.

*Dolor que no quiero ver,
dolor que nunca se va,
no puedo decir adiós,
ni quiero decir jamás,
tumbado al amanecer,
llorando porque tú vuelvas otra vez.*

Era isso que estava sentindo. Dor. Uma dor que não queria ver, mas também não conseguia abandonar. Mike não deixava. Ou será que era ela mesma quem não deixava?

Dançou. Subiu na cama como uma menininha e dançou sem controle até que, já cansada, abriu sua mochila e tirou um conjunto de lingerie limpo, que vestiu. Em seguida, olhou o saquinho que um amigo tinha conseguido para ela e, sem hesitar, enrolou um baseado.

Com os olhos distantes por causa das recordações, continuou fumando. Sabia que não era certo fazer aquilo, mas naquele momento nada importava. Estava sozinha. Naquele instante era dona da própria vida e fazia o que queria. Depois daquele baseado, veio outro e outro. Quando olhou no relógio não ficou surpresa de ver que já eram 20h21. O comandante não ia demorar, o que, de fato, não aconteceu. Alguns minutos depois, a porta se abriu. Ao vê-la sentada na cama de calcinha e sutiã, fumando, ele sorriu.

Sem falar nada, tirou o boné e a jaqueta, sentou-se com ela e perguntou, pegando o baseado da mão dela para dar um trago:

— Tudo bem?

Tentando disfarçar, Mel respondeu:

— Tudo.

— E por que você está fumando essa merda?

Ela sorriu.

— Estou tentando fugir um pouco.

Lodwud compreendia, mas disse, disposto a tirá-la daquele caminho:

— Essa merda não presta, Mel.

— Eu sei, mas é a última vez que vou fumar isso. — Os dois riram. Mel continuou: — Também não é certo o que estamos fazendo aqui ou no escritório do hangar, mas, mesmo assim, continuamos fazendo. Aliás, essa merda não presta, mas bem que você está fumando agora.

Os dois sorriram e então ele disse, tragando outra vez:

— Quando eu ou você encontrarmos alguém importante, deixaremos de nos encontrar, não acha?

Mel deu de ombros. Não tinha a mínima intenção de encontrar alguém.

— Veremos. Mas antes que isso aconteça, quero continuar me divertindo com você. A gente se conhece. A gente sabe que isso aqui é sexo sem compromisso e respeitamos algumas regras — respondeu.

Sorriram mais uma vez. Não se beijavam e não pediam explicações. Essas eram as condições. Abraçando-o, Mel completou:

— Estamos bem arranjados, eu e você. O amor destruiu a nossa vida e só nos restaram esses momentos bobos, que de certo modo inventamos. Nem a Daiana nem o Mike merecem isso, mas aqui estamos nós dois... como sempre.

Lodwud concordou. Daiana era a mulher cruel que o tinha trocado por um alemão. Depois de alguns minutos, o comandante tomou as rédeas do jogo. Tirou um lenço escuro do bolso para vendar os olhos de Mel, mas ela não deixou. Lodwud ficou surpreso.

— Não quer pensar no Mike?

— Quero. Como sempre você será o Mike e eu, a Daiana. Mas não quero venda. Fiquei tão chapada que hoje nem preciso.

— É você quem sabe.

Pegou a mão dela e colocou-a entre as pernas para que ela o tocasse.

— Quero uma Daiana *caliente*, receptiva e que sabe o que quer. Quando eu já tiver cansado dessa Daiana, quero outra que finalize o jogo do jeito que você já sabe — disse em voz baixa no ouvido dela.

Mel tocou-o do jeito que sabia que ele gostava. Respondeu baixinho:

— Mike... vamos brincar.

Era um jogo perigoso para os dois. Duas almas ressentidas. Duas pessoas precisando de carinho e que, de vez em quando, se encontravam num quarto de hotel e fingiam que estavam transando com outra pessoa.

— De joelhos, Daiana.

Mel fez o que ele pedia sem precisar de mais instruções: fez o que Mike gostaria que ela fizesse. Tirou a calça, a cueca e colocou o pênis na boca. Chupou-o por vários minutos, saboreando, provocando-o até tê-lo duro como uma pedra.

O comandante deixou Mel fazer o que queria, pensando que quem o chupava era Daiana. Quando não aguentou mais, tirou da boca dela e disse:

— Tira a roupa e senta na cama.

Totalmente nua em frente a Lodwud, Mel sentou. Ele sorriu e murmurou, ajoelhando-se:

— Seus mamilos são lindos, querida.

Mel sorriu e respondeu com voz sensual:

— E eu adoro que você os chupe, Mike.

O convite foi formalmente aceito e o comandante devorou o que ela lhe oferecia. Sensual, Mel segurou a cabeça dele e o apertou contra seus seios. Lodwud ficou louco. Chupou, deu mordidinhas e quando os mamilos ficaram do jeito que ele gostava, pediu:

— Abre as pernas... assim... assim... muito bem, Daiana. — Os olhos do comandante se tomaram de luxúria quando viram como Mel estava molhada. — Se abre com os dedos. Quero ver como me pede pra te chupar.

Excitada ao ouvir Mike pedindo isso, com o indicador e o anular fez o que ele queria. Sentindo-o entre as pernas, falou baixinho:

— Assim... você gosta assim.

Lodwud, que estava sentado no chão, agarrou as pernas de Mel, puxou-a para si e colocou a boca bem onde ela queria. O grito de prazer de Mel frente àquele ataque enlouquecido foi devastador.

— Mike, meu amor, estou quase caindo da cama.

O comandante pegou-a pela cintura e os dois caíram no chão. Ele colocou a boca embaixo dela outra vez e continuou, passando a língua sem descanso nos lábios de Mel, que gemeu ao sentir seu clitóris sendo chupado. Uma onda de prazer invadiu o seu corpo.

A cama não tinha utilidade, a cama era o chão. Nele transaram de todas as maneiras conhecidas e desconhecidas, imaginando que estavam com duas pessoas que nunca mais voltariam para eles.

— Vem... se entrega pra mim. Passa as pernas pela minha cintura, vem pra mim — exigiu, dando-lhe um tapa na bunda. — Vem pra mim, Daiana!

Quando Mel atendeu ao pedido, o comandante gemeu e ela arqueou as costas.

— Mike...

— Você gosta assim?

— Adoro, Mike... adoro. Continua...

O sexo frio e impessoal reinou no quarto de hotel por várias horas. Esse era o sexo que vinham fazendo nos últimos dois anos. Satisfazia o desejo dos dois. Depois de terem vários orgasmos, fumaram nus, estirados na cama. Mel perguntou:

— Que horas são?

Lodwud olhou o relógio na mesa de cabeceira.

— 0h20.

O silêncio caiu outra vez sobre o quarto. Ele perguntou em seguida:

— Por que a gente continua pensando na Daiana e no Mike?

— Porque a gente é idiota. — Mel riu com amargura e disse, tentando não pensar muito: — Vou continuar com isso e vou procurar mais uma pessoa que queira jogar.

Lodwud sorriu.

— Ainda me lembro daquela mulher que você trouxe pro nosso último encontro. Ela ficou louca com a gente.

Mel deu uma gargalhada e cochichou:

— Você sim é que ficou louco com nós duas.

Levantando-se da cama, vestiu a calcinha, uma camiseta e a calça camuflada. Não precisava mais de roupa para conquistar. Depois de se vestir, observou Lodwud, que disse:

— É uma em ponto. Se até as duas você não tiver voltado, eu é que vou escolher.

— Nem pensar. Hoje sou eu que decido.

Ao sair do quarto, caminhou decidida até o bar. Como sempre, escolhiam hotéis próximos do aeroporto para se encontrar. Como sempre, as pessoas que se hospedavam em lugares assim estavam só de passagem e procuravam, na maioria das vezes, uma noite divertida e sem compromisso.

Decidida, Mel entrou no bar e deu uma olhada geral no lugar. Vários casais conversavam amigavelmente e alguns homens e mulheres bebiam sozinhos no balcão. Queria um homem e os observou com cuidado. O primeiro que viu não servia: muito velho e barrigudo. O segundo não era de todo mau, mas escolheu o terceiro: um executivo da idade dela. Aproximando-se do balcão, pediu ao barman:

— Um uísque duplo com gelo.

Era infalível. Era uma mulher pedir essa bebida que o homem ao lado olhava para ela, sempre. Sem tempo a perder, Mel sorriu e depois de piscar al-

gumas vezes, ele girou na cadeira. Ela olhou no relógio: 1h10. Tinha tempo suficiente.

Com um sorriso nos lábios, falou com o homem. O nome dele era Ludwig: sueco e de passagem pela Alemanha. Era perfeito. Explicou que trabalhava para uma empresa de automóveis e que estava visitando vários países. À 1h20 Ludwig já tinha olhado para os seios dela várias vezes e à 1h30 Mel já tinha colocado a mão na perna nele. À 1h40 o sueco já tinha se insinuado e ela tinha feito a proposta atraente de sexo a três. Faltando dez para as duas da manhã o sueco aceitou e à 1h52 Mel abriu a porta do quarto. Encarando Lodwud, que sorriu quando a viu entrar, comentou:

— Vamos, rapazes... quero brincar.

Depois de momentos excitantes com os dois homens, tudo terminou. Mel acompanhou o sueco até a porta, e ele saiu muito satisfeito. Mel fechou e se virou para Lodwud, que, encarando-a, caminhou até ela e comentou:

— Daiana, você é uma menina... muito... muito má.

Mel sorriu, tocou a ereção dele e concordou.

— Sim, Mike... reconheço que sou mesmo.

Na manhã seguinte, Mel foi para o aeroporto militar. Chegando lá, um rapaz se aproximou, cumprimentou-a com um gesto:

— Bom dia, tenente Parker.

— Bom dia, sargento.

— Tenente, o major Parker está ao telefone e quer falar com a senhora — disse o sargento com o rosto sério.

Pega de surpresa, Mel agarrou o telefone que estendiam para ela. Afastou-se alguns metros e cumprimentou:

— Bom dia, major.

— Tenente, como foi o voo de ontem?

Mel sorriu. Seu pai. Aquele homem que muitos temiam pelo temperamento difícil, com a filha era um paizão.

— Bem. Tudo perfeito, como sempre — respondeu.

— Me disseram que agora você vai para Munique.

— Vou.

— Descansou o suficiente?

Pensou na noite louca que tinha passado com Lodwud e respondeu:

— Sim, papai, descansei.

Todos se preocupavam com ela e com a vida dela. Algo desnecessário. Mel estava convencida de que podia aguentar tudo o que tinha se disposto a fazer.

— Papai, faz doze dias que eu estou fora de casa e quero ver a Sami e...

— Eu sei — interrompeu. — Entendo você... entendo. Mas fala com a sua mãe. Ela me ligou duas vezes e você sabe como ela fica chata.

Mel sorriu quando ouviu isso. Seus pais tinham se separado fazia pouco mais de um ano.

— Tudo bem, eu ligo.

— Aliás, você voltou a pensar naquilo de Fort Worth?

— Não, papai...

— Pois pense, Melanie. Quero que você e a menina fiquem perto de mim. A sua irmã volta no ano que vem e...

— E a mamãe?

— A sua mãe é bem grandinha para saber o que quer fazer da vida — respondeu com o tom cortante.

Mel sorriu e preferiu não tocar mais no assunto, por isso disse:

— Papai, vamos deixar esse assunto da mudança pra outra hora.

— De acordo, filha. Mas lembre-se, a sua família está aqui. Na Alemanha você não tem nada.

Para Cedric Parker não era nada fácil viver tão longe das filhas e da mulher. Especialmente de Melanie, seu maior orgulho. Depois de vários minutos falando com o pai, Mel desligou o telefone e pegou o envelope que lhe estendia o mesmo militar que tinha levado o telefone.

— Tenente, aqui está o que a senhora pediu.

Mel pegou o envelope com força. Dentro estavam as chaves do helicóptero que a levaria até a filha. Abrindo-o, perguntou:

— Tudo bem por aqui, sargento?

O jovem fez que sim. Depois de despedir-se com um gesto, deu meia-volta e foi embora. Nesse instante, chegaram Neill e Fraser.

— Caramba... eu podia dormir um mês — comentou Fraser, esfregando os olhos.

— Eu também, cara. Estou acabado.

A tenente Parker sorriu ouvindo os amigos.

— Vamos, *bonecas*, subam no helicóptero, quero ver a minha filha — riu.

Naquele mesmo dia, depois de uma hora de voo, chegaram ao aeroporto de Munique, por volta das nove da manhã. Lá, depois de deixarem o helicóptero num hangar particular, pegaram um táxi com as mochilas nas costas. Primeiro deixaram Neill e depois continuaram até a casa de Mel. Quando chegaram, a mãe dela abraçou-a assim que a viu.

— Que alegria ter você aqui de novo, querida!

Deixando-se abraçar, Mel fechou os olhos, feliz.

— Oi, mamãe.

Segundos depois, Luján cumprimentou Fraser enquanto Mel tirava a mochila e depois corria para ver a filha. Abriu com cuidado a porta do quarto e entrou. Sorrindo, observou a pequena Samantha, adormecida no berço. Era maravilhosa. A menina mais bonita que já tinha visto. Sem poder evitar, os olhos se encheram de lágrimas. Era a cara do pai. O cabelo, o sorriso...

— Querida — sussurrou Luján entrando no quarto. — Venha, preparei algo pra você e Fraser comerem. Tenho certeza de que estão famintos.

— Já vou, mamãe. Me dá um segundo.

Luján assentiu. Ver a filha olhando triste para a menina adormecida lhe partia o coração. Tinham tentado de todo jeito que Mel começasse uma vida nova, mas não tinha adiantado. Ela se negava. Não conseguia esquecer Mike.

Quando ficou novamente sozinha no quarto com a filha, aproximou-se com cuidado e tocou os cachos loiros. Sorriu.

— Oi... — Fraser falou baixinho atrás dela.

Ele a conhecia. Conhecia muito bem e sabia que por trás daquela aparência dura de tenente do exército dos EUA, ela sofria. Nunca esqueceria a reação dela quando soube o que tinha acontecido com Mike. O desespero, o choro, a impotência quando soube de detalhes nada agradáveis de sua morte.

Grávida de sete meses, Mel se fechou em si mesma e não quis falar sobre isso com ninguém. Só era feliz quando estava com a pequena Sami ou quando pilotava o C-17. Mas, apesar da felicidade que a filha lhe dava, os olhos de Mel nunca mais voltaram a brilhar como antes. Desconfiava de todos os homens e isso era graças a Mike. Graças ao homem que amou e que a traiu.

— O que achou da princesa? — Mel perguntou engolindo o choro.

Fraser sorriu.

— Maravilhosa. Ela já tem que idade?

— Quase 2 anos e 1 mês.

Os dois se olharam em silêncio. Mel murmurou:

— Como o tempo passa, né?

Os dois concordaram e Fraser, tentando desviar o assunto, zombou:

— Essa menina vai partir muitos corações. E sou eu quem está dizendo, desse assunto entendo bem.

Riram. Fraser passou a mão pela cintura dela.

— Falei com a minha aeromoça. Ela vai chegar ao aeroporto hoje à tarde.

— Perfeito.

Saíram com cuidado do quarto. Entraram na cozinha, onde Luján tinha preparado uma *tortilla* de batata. Enquanto comiam, a mulher disse à filha que precisava voltar para as Astúrias. A mãe dela, Covadonga, precisava ir ao médico e tinha se recusado a ir com Scarlett, a irmã de Mel.

— Vovó e Scarlett — Mel zombou. — Não quero nem imaginar as duas sozinhas.

— A sua irmã, às vezes, é pior que a sua avó — afirmou Luján. — Posso te falar com certeza. Quando se irrita, ameaça ir embora pra Fort Worth e eu tenho que convencê-la a não ir, em meio aos resmungos da sua avó.

— Mamãe, Scarlett vai acabar se mudando. Você sabe que ela está nas Astúrias só por um tempo.

— Sei, filha, eu sei.

Fraser as escutava, mas não dizia nada. Fazia alguns anos, Fraser e Scarlett tinham tido um caso que só Mel sabia e que acabou quando Scarlett viu a irmã sofrer pela perda de Mike. De um dia para o outro decidiu deixar Fraser, que não pôde fazer nada, senão aceitar. Na hora foi horrível, mas depois ele finalmente aceitou. A vida dele era assim, e entendia que Scarlett não quisesse fazer parte dela.

Uma hora depois, o cansaço acumulado pela longa viagem ficou evidente. Luján olhou para os dois e disse:

— Fraser, Mel, descansar, já!

— Mamãe...

Fraser gargalhou e respondeu encarando a mãe da amiga:

— Obrigado pela comida, mas vou embora. Tenho planos com uma linda mulher.

Luján sorriu e Fraser, levantando-se, disse:

— Agora pra caminha, tenente. Você está com cara de não ter descansado direito à noite.

Mel concordou. A noite de sexo selvagem estava cobrando seu preço. Entrou com cuidado no quarto e sorriu ao ver a pequena sentada no berço.

A filha abriu os bracinhos e esboçou um sorriso de orelha a orelha.

— Mamiiiiii.

Sem demora, a tenente Parker correu para abraçar a filha. Sentiu o cheiro de inocência e sorriu encantada ao ouvir a menininha falar na língua dos bebês. Feliz, tirou-a do berço e a colocou na cama, para em seguida trocar de roupa e colocar um pijama.

Quando terminou, entrou na cama com a pequena e começaram a brincar. O riso de Sami era o melhor, o mais bonito do mundo. Isso, como sempre, deixava Mel repleta de felicidade.

Que maravilha estar com a filha em casa!

Alguns minutos depois, a menina se aconchegou. Contenta por estar com sua mamãe, relaxou e dormiu. Com carinho, Mel observou o rosto tranquilo da filha. Era linda, maravilhosa, divina, e lhe deu um beijo na testa.

Com cuidado para não acordá-la, pegou a bolsa, de onde tirou uma carta. Uma carta dolorosa, mas que relia centenas de vezes. Com a luz de uma lanterna, leu:

Minha querida Mel,

Se você está com esta carta nas mãos, é porque o nosso bom amigo Conrad a fez chegar até você, e isso significa que estou morto. Quero que saiba que você é o que aconteceu de melhor na minha vida, apesar de, em alguns momentos, eu ter me comportado como um idiota. Você sempre foi boa demais para mim e sabe disso, não sabe?

O motivo desta carta é pedir desculpas por tudo o que você vai descobrir de mim agora. Sinto vergonha de pensar, mas essa é a minha vida e não tem nada que eu possa fazer, a não ser te pedir desculpas e esperar que não me odeie para sempre.

Desejo que conheça um homem especial. Um homem que cuide de você, que te leve para festas, dance com você, que goste do nosso filho e te dê essa família que sei que você sempre quis ter. Espero que esse homem saiba te dar valor como eu não soube e que você seja o mais importante para ele. Você merece, Mel. Merece encontrar uma pessoa assim. Nem todos são como eu e, por mais que você saiba que eu gostava de você do meu jeito, também sabe que isso nunca foi suficiente.

Diga ao nosso bebê que o pai dele o amava muito, mas deixe que ele goste como um pai dessa pessoa que espero que algum dia chegue na sua vida. Você é forte, Mel, sei que vai sair dessa. Você precisa recomençar a vida. Prometa para mim e rasgue esta carta depois.

Com amor,
Mike

Como sempre que terminava de ler a carta, Mel chorou e não a rasgou.